

# Ecclesia



Agosto de 1955  
Ano 7.º

N.º 34

“BUSCA A PAZ  
E SEGUE-A”

SALMO 34:14



AS GRANDES NAÇÕES, REPRESENTADAS POR  
DOIS PROTESTANTES, UM ATEU E UM  
PRESUMIDO CATÓLICO-ROMANO, REUNIRAM  
EM GENEBRA EM BUSCA DA PAZ.



DEUS LHES DÊ A GRAÇA DE A  
“SEGUIREM”, SE, PORVENTURA,  
A ENCONTRARAM.

# Ecclesia

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA  
(Aparece em Fevereiro, Abril, Junho, Agosto, Outubro e Dezembro)

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA  
Rua das Janelas Verdes, 32 - LISBOA - Telef. 66 4729

ADMINISTRADOR:

DR. DANIEL DE PINA CABRAL  
Rua da Infanta Dona Maria, 97 - PORTO - Telef. 62720

## Wells, Herculano, o Plágio e a Alta Crítica

“Ecclesia” é órgão, em Portugal, da Igreja Cristã Reformada, a Igreja Lusitana. Por isso mesmo não é “modernista” nem “fundamentalista”, pois não entende um cristianismo orgulhoso da sua razão, nem rancoroso na sua pretensa santidade.

A Igreja Lusitana adoptou em 1879, ao reorganizar a sua estrutura pelos moldes da Reforma, os “Trinta-e-nove Artigos” que a Igreja Reformada Inglesa adoptara em 1562, e que totalmente se baseiam nos textos sagrados, num consenso não particularista.

É nessa atitude, de amor a todos, de respeito por tudo quanto é respeitável, de repúdio de tudo que é condenável, que hoje vimos narrar dois interessantes factos, desconhecidos do grande público, juntando-lhe outras reminiscências a propósito, e o sereno julgamento que lhes ouvamos aplicar.

Vamos tratar duma acusação de plágio sofrida pelo famoso escritor agnóstico Wells, duma

notável sentença judicial sobre a “alta-crítica”, e de opiniões sobre o grave problema filológico e teológico, dos historiadores A. Herculano e Henrique Schaeffer, a propósito da “Crónica do Cid”, e de Gladstone e Winston Churchill acerca da Bíblia.

O leitor sabe, decerto, o que vem a ser a “hiper-crítica” ou “alto criticismo”, como à inglesa se diz. Tem-se usado tanto, na pequena imprensa cristã, mais ou menos sectária, de referências a “modernismo” (termo ridículo, como o de futurismo em arte, porque a vida vai sempre ultrapassando o significado semântico do que se firma no tempo), assim como a “teologia liberal”, racionalismo e alta-crítica, que, de duas uma: ou todos nós nos não faremos eco do que não entendemos, ou estudaremos a fundo o assunto para podermos tomar posição a seu respeito, com probidade mental e sentido de responsabilidade.

Pelo que fica dito, vê-se que não entramos

### SUMÁRIO DO N.º 34

Wells, Herculano, o Plágio . . . . .	1
Reminiscências e Perspectivas . . . . .	3
“Há juiz em Madrid”, Dr. Pina Cabral . . . . .	5
Sermão de cinco minutos, Rev. A. F. Arbiol . . . . .	6
“Credo”, Música, Dr. Leopoldo de Figueiredo . . . . .	7
A Base de uma Causa, Rev. A. Araújo . . . . .	9
Restos dum grande povo, Dr. V. Montano . . . . .	10
Lusogramas . . . . .	10
O Livro e os Livros . . . . .	12
Oração de Lorde Roberts . . . . .	12

na contenda, formando em um dos campos, mas traremos elementos curiosos e úteis ao leitor estudioso. Parece-nos contudo ser dever nosso lembrar que não são termos perfeitamente sinónimos os que apontámos. Teologia liberal é aquela que se não enfeuda às interpretações dadas por determinados mestres, e umas vezes rompe com erros de conceito já inaceitáveis, e outras vezes nega imprudentemente e até nesciamente verdades essenciais que a Igreja proclama, sem as quais o Cristianismo ruiria como religião revelada, que é.

É uma atitude e não uma escola, e cada um não é, por isso, responsável por outros que a adoptam.

"Modernismo", se bem julgamos, é a mania da moda, o amor indiscriminado ao que é novo, a escravização ao recente, ou antes, o propósito orgulhoso de desconceituar o estabelecido. Entra muito nisso o desdém ingénuo dos novos pelos velhos. Assim considerada, esta maneira de pensar é tão estulta como seria a negação de progresso no estudo das Escrituras e o apego total a certas fórmulas arcaicas, como algumas ridículas afirmações interpretativas, as quais nos dispensamos de referir agora.

A Revelação, procedendo do Eterno, não se sujeita ao "moderno" nem ao "antigo".

Quanto à alta-crítica ou crítica exterior, como método total e exclusivo, apareceu ela nos arraiais cristãos quase sempre com a preocupação racionalista e demolidora, que lhe prejudicou o processo e as intenções.

Mas vamos à nossa história: Diz-nos sir Carlos Marston (em "The Bible is True", ou "a Bíblia é verdadeira", 1934, cap. II), que em 1931 uma senhora canadiana, de nome Florência Deeks, intentou, nos tribunais do seu país, um processo de plágio contra H. G. Wells, escritor bem conhecido em todo o mundo, e contra a C.<sup>a</sup> Macmillan, sua editora. Miss Deeks acusava Wells de ter tido conhecimento, pela sucursal canadiana daquela empresa editora, dum manuscrito intitulado "The Web" que confiara a essa sucursal, e da qual Wells teria reproduzido numerosos passos no seu livro "The Outline of History" (de que há versão portuguesa). Por seu lado Wells negou formalmente ter tido tal conhecimento, declarando que jamais vira o manuscrito referido e que nada portanto tomara do original de Miss Deeks. A Companhia Macmillan defendeu-se também de ter traído essa senhora comunicando a terceiros

o original que lhe tinha sido confiado e que permanecia depositado na sua casa de Toronto. Wells escrevera o seu livro na Inglaterra e não fora ao Canadá na época em que o malfadado manuscrito ali fora depositado.

Miss Deeks confiou a defesa da sua causa ao Rev. W. A. Irwin, professor de literatura antiga e das línguas do Velho Testamento na Universidade de Chicago. Depois de ter referido a visita que lhe fez Miss D. com o pedido de estudar o seu livro e o de Wells, o professor diz no relatório que apresenta à justiça: "Aceitei a tarefa que me foi confiada, em grande parte por causa dos meus estudos das antigas literaturas. Interessava-me aplicar a escritos contemporâneos os métodos que estão em uso corrente para os tempos antigos".

Acrescentemos que com aquele professor havia outros dois peritos críticos, que com ele assinaram o relatório.

Pois o caso teve a seguinte conclusão: O juiz do Tribunal de Ontário e os do Tribunal de Apelação da mesma cidade rejeitaram por completo o testemunho da Crítica Externa e lavraram sentença contra a requerente. Miss Deeks apelou de novo para a Comissão Judicial do Conselho Privado de Londres, o mais alto tribunal do Império Britânico, e depois de longa audiência, na qual se examinaram com escrupulosa atenção as conclusões criticistas, a 3 de Novembro de 1932, o Tribunal rejeitou o apelo por unanimidade.

São de Lorde Atkin estes trechos da sentença relativos à Alta Crítica: "Miss Deeks contou com o testemunho de três homens de letras de grande reputação, que podiam ser qualificados como peritos na matéria. Sublinharam eles coincidências, similitudes, omissões idênticas, e assim por diante, as quais, no seu espírito, deveriam provar que as duas obras eram a cópia uma da outra. Suas Senhorias (os juizes) leram esse testemunho: fizeram notar que os peritos foram autorizados a produzir os seus argumentos perante o Tribunal; e entenderam Suas Senhorias que nenhuma prova trouxeram. As testemunhas foram autorizadas a dizer não somente que havia semelhanças entre as duas obras mas que, em seu aviso, essas semelhanças eram tais que não podiam resultar senão do facto de ter o sr. Wells copiado a obra de Miss Deeks. Mas uma tal afirmação não se conclui do testemunho do perito. Uma das testemunhas foi autorizada a fornecer a prova

de que, segundo a sua opinião, o sr. Wells tinha escrito o seu livro tendo o ms. de Miss Deeks diante, no seu escritório; mas, mais uma vez, tal testemunho não é da competência dum perito... As semelhanças sublinhadas podem ser explicadas pelo carácter da obra, que tem elementos comuns, e pelo facto de os autores terem recorrido a autoridades que não podiam deixar de ser comuns. Além de tudo isso, nem Miss Deeks nem o sr. Wells estiveram presentes nas origens do mundo, nem mesmo um número considerável de anos depois. Foi-lhes preciso apoiarem-se sobre uma acumulação de informações que lhes foram fornecidas por autores nascidos muito antes deles, aos quais não puderam dispensar-se de recorrer para compor uma obra que lhes era comum. Suas Senhorias não tardaram em examinar os pormenores que se lhes forneceram; mas, em muitos casos, estes testemunhos foram qualificados de fantasistas, e com razão, por um dos juizes. As analogias trazidas pelos peritos explicam-se por si mesmas muito facilmente e não se saberia atribui-las a plágio sem fazer a prova disso".

Achamos de grande interesse este testemunho, que recorda a opinião do professor Sayce quando, muito antes, afirmava que tais métodos de crítica literária nunca seriam válidos perante os tribunais. Fez-se a prova.

Já Herculano, no meado do século passado, nos dá (no Livro VII, primeira época, da sua "História de Portugal") a opinião sobre estes métodos: "Havendo nós falado mui de passagem no Cid Ruy Dias, uma das personagens mais notáveis da Península nos fins do século XI, o leitor pode encontrar acerca dele notícias na obra de Risco "La Castilla y lo famoso Castellano", onde vem impressa a antiga crónica do Cid (História Roderici Didaci campidocti), que lhe façam sentir vivamente a tendência de fusão política entre dous grupos de adversários, os cristãos

e os sarracenos. Masdeu, na crítica desta crónica (Hist. Crit. d'Esp. T. 20 ps. 147 e segs.), que o sr. Schaeffer (Gesch. von Span. 2 B, 397) qualifica em parte, e com razão, de hipercrítica, pretendeu indirectamente inculcar que esse notável monumento fora forjado talvez pelo P. Risco. Podemos asseverar o contrário. Em 1846 tivemos nas mãos o ms. original, que remonta pelo menos ao século XIII e acaso ao fim do XII".

Duma credulidade verdadeiramente ingénua, bronca até, por vezes, nos tempos da erudição fradesca, na sua decadência, passou-se no século XIX a um cepticismo de sistema que arvorou em dogma certos métodos e certas hipóteses de interpretação. Schaeffer, Herculano, Sayce, o juiz Atkin, são nomes que, entre muitos outros, se podem invocar ao reclamarmos a primazia do bom senso e do exame sereno, sobre os sistemas e as técnicas dogmáticas.

Entretanto a Revelação mosaico-cristã continua sendo esse repositório precioso do qual diz sir W. Churchill, o grande ministro britânico: "Não nos perturbam, de modo algum, os doutores e professores que negam a veracidade das narrativas bíblicas. Podemos ter toda a certeza de que estas coisas aconteceram a um povo não muito diferente de nós mesmos, e que aquele relatou fielmente e transmitiu através dos séculos as suas impressões, com maior exactidão do que se encontra em muitas das notícias telegrafadas que lemos nos jornais hodiernos. Podemos confiar inteiramente no que Gladstone chamou "a Rocha Inabalável das Escrituras". Que os eruditos e os cientistas aumentem seus conhecimentos e examinem cuidadosamente todos os detalhes desta antiga história bíblica. Somente fortalecerão a magnífica singeleza e a exactidão essencial destas verdades escritas, que têm iluminado até hoje a peregrinação do homem".

Lapidar, este testemunho de Churchill.

## REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

A propósito da consagração de António José de Almeida, promovida no Brasil, evocamos essa figura varonil que foi paradigma das nossas virtudes e dos nossos defeitos de "homens mediterrânicos". Evocamo-lo com gratidão, pela atenção que pessoalmente dispensou,

quando Chefe do Estado, ao director de "Ecclesia", na fugaz passagem deste pela vida pública, só útil para lhe dar maior experiência no

conhecimento dos homens e das suas precárias instituições. Cristão na generosidade, como médico dos pobres, em S. Tomé, cristão no enaltecimento da

Bíblia, que não conheceu aliás em profundidade, António José de Almeida foi um anticristão na negação da alma "que nunca encontrou nos corpos estudados na mesa da anatomia" (!); na declaração da decrepitude e fim próximo da Igreja; no incitamento a actos de rancor que se lhe escapou do verbo formoso e indomável, em momentos de paixão. É enfim um tipo de formidável relevo, cujo estudo sereno e desapaixonado poderá ajudar muito os portugueses cristãos.



Fez agora um ano que as "Novidades"... Dizia Eça de Queirós, com aquela irreverência que caracterizou os escritores da sua geração, que o riso foi o clangor das trombetas de Josué, fazendo cair as muralhas de Jericó. Não reduzamos o facto bíblico a mero símbolo, mas consideremo-lo entretanto como ilustração do que acontece. Pois fez agora um ano que as "Novidades" (em 8, 10 e 13 de Julho) fez injustas insinuações aos cristãos reformados, atribuindo-lhes ideias ou intenções comunistas. Forneçamos-lhe, rindo, um argumento próprio da sua lógica: o nosso ritual católico lusitano chama-se "Livro de Oração Comum"... Ele é a versão cuidada da parte sã do rito gregoriano, com inserções do moçarabe, etc., tudo proveniente da nossa "fé comum" e destinado à comunidade dos fieis... Miserável é o homem que odeia; desprezível é a calúnia aberta ou a hipócrita insinuação. Oxalá seja só paixão sem ódio o que animou esses fundistas. Rogamos a Deus por eles; que aos homens não queremos nós desprezar.



O Presidente Café Filho vetou, em fins do ano passado, com o parecer do Dr. Seabra Fagundes, Ministro da Justiça do Brasil, um projecto já quase triunfante que iria por em uso os prognósticos sobre o futebol, como uma verdadeira lotaria. Foi um acto de inteligente coragem, nesta era de azares e lotarias, acto do mesmo ilustre homem que há bem pouco nos comovia com os seus agradecimentos singelos às crianças, às mulheres e aos homens que à beira das estradas de Portugal o saudaram. O Presidente, político católico romano, decorado pela Santa Sé, proclamador da consagração do Brasil, não a Cristo Vivo, mas a uma sua invocação um tanto feiticista, recebeu

influências evangélicas, não apagadas no seu espírito afectuoso. Não se apagam facilmente as influências do Evangelho. Mesmo que "Paris valha uma missa"! Henrique IV promulgou o édito de Nantes, mesmo depois da missa. Afinal, os actos belos e as belas expressões são-no sempre, em qualquer que as produz: o sefardita Mendes France bebendo corajosamente os seus copos de leite em frente do "vodka" e do "whisky" de russos e americanos; ou o católico romano Gronchi não querendo ocupar o palácio presidencial em Roma, para não habituar seus filhos adolescentes à superfluidade e à pompa deseducativa.



Um carapau, se fosse um "ser racional", como nós o entendemos, definiria um pardal como sendo "um carapau que nada fora de água". Do mesmo modo procederia o pardal racionalista, designando o carapau como "pardal que imerge e voga". É assim que a imprensa propagandista — isto é a Imprensa — sempre desdenhou "Ecclesia", vendo nela um panfleto periódico de propaganda. Todavia, quem a lê de espírito gentil, sabe que somos contra a "propaganda", nossa ou alheia, ou seja a publicidade parcial, condicionada e unilateral, e esforçamo-nos por inculcar os santos princípios e obras do testemunho cristão primitivo: publicidade como sacerdócio, precedida de oração, feita com temor de Deus, que é amor e justiça; da mesma forma que se usa com o serviço divino, a missão, o sermão ou a visita aos doentes. Ansiamos fazer publicidade inspirada pelo Verbo Eterno, baseada nos Textos Sagrados, desenvolvida da máxima do Divino Mestre: "Aquilo que ao ouvido vos digo, proclamai-o do alto das casas". Notai: "aquilo que vos digo", não o que vós congeminais, ao sabor das conveniências de momento, de indivíduo ou de seita.



O nosso prezado colaborador Rev. A. F. Arbiol continua produzindo os seus interessantes "Sermões de Cinco Minutos", que já vão no n.º 175. Eis um incentivo para o Sínodo da nossa Igreja preparar o seu Homiliário Selecto. A propósito informamos que os sermões publicados em "O Estandarte Cristão" foram pelo seu autor enviados directamente.

## “HÁ JUÍZ EM MADRID”

*De “Service Oeucumenique de Presse et d'Information”, de 8 de Julho findo, transcrevemos a seguinte notícia de muito jubilo para os nossos irmãos espanhóis, a quem ECCLESIA, mais uma vez, testemunha a sua cristã simpatia.*

NO dia 11 de Junho de 1955; o Tribunal da Relação de Madrid proferiu um acórdão pelo qual revoga as decisões do Juiz Municipal e do Tribunal de 1.ª Instância, que recusavam o casamento civil a F. G. I., sob o pretexto de que o mesmo fora baptizado na religião católica-romana. A sua noiva é protestante de nascimento; e ele próprio aderiu à religião protestante e praticava-a de há muitos anos.

As diligências para obter a autorização para este casamento civil duraram dois ou três anos, e os tribunais sempre lhe puseram obstáculos.

O caso subiu em recurso perante o Tribunal da Relação de Madrid, e acaba de ser julgado a inteira satisfação dos interessados.

Nos considerandos diz-se em especial:

— que o senhor F. G. I., ainda que baptizado católico, manifestou clara e publicamente a sua firme vontade de pertencer à religião protestante;

— que sobre esta matéria espiritual, os tribunais não têm que se pronunciar;

— que o art.º 42.º do Código Civil reconhece duas formas de Casamento: o Canónico, para todos os que professam a religião católica; e o civil, celebrado segundo as disposições do código;

— que os artigos 83.º e 84.º não consideram o facto de se ter sido baptizado como um impedimento à celebração do casamento civil;

— que os autos provam abundantemente a filiação do Sr. F. G. I. na religião protestante.

Consequentemente as sentenças do Tribunal Municipal e da Primeira Instância foram revogadas, e o Sr. F. G. I. ficou autorizado a celebrar o casamento civil que solicitou.

Este acórdão é de capital importância para os protestantes espanhóis, a quem, ao longo de uma dúzia de anos, se recusava sistematicamente o casamento civil, sempre que um dos contraentes tivesse sido baptizado na Igreja Católica-Romana. Devemos rejubilar pelo facto desta alta jurisdic-

ção ter, enfim, pronunciado um arresto conforme a um entendimento puro e simples do Código Civil.

N. R. Como o Estado Português, o Espanhol admite duas formas jurídicas de casamento: o canónico e o civil, ambos produzindo os mesmos efeitos civis, com excepção do divórcio, que fica impedido aos contraentes que se serviram da forma canónica.

A diferença entre os regimes português e espanhol — a mais saliente, pelo menos, está em que, em Espanha, a lei veda o casamento civil aos praticantes da Religião Católica-Romana.

Ora, vinha sucedendo que as autoridades competentes, quando um protestante solicitava o seu casamento civil (para em seguida realizar o matrimónio, de acordo com a sua religião), lho recusavam, se, porventura, ele tivesse sido baptizado na Igreja de Roma. Até prova em contrário, o protestante confesso... era católico-romano. E só era aceita como prova em contrário a produzida pela Hierarquia sujeita ao Papa, a qual, maternalmente, insistia ser o protestante ovelhinha querida do seu rebanho.

O protestante, ou esperava melhores dias, ou calcava a sua consciência e, como um farrapo, ajoelhava diante do altar de Roma, a quem toda a sua personalidade humilhada não podia senão odiar.

Por chocante que nos seja, Roma aceita esta miséria moral.

O Tribunal da Relação de Madrid parece ter acabado com tão indigna forma de violação da consciência. Deus premeie... e defenda... esses nobres magistrados, dos quais bem pode dizer-se: “Ainda há juiz em Madrid”.

(Tradução e comentário de D. P. C.)

## Quadra no geito popular

*Quem lança uma pedra avante  
Não sabe onde vai parar;  
Quem diz mal do semelhante  
Não pode o mal reparar.*

**Eudaro Carmelino**

# NA NAVE

## Sermão de Cinco Minutos

Pelo Rev. A. F. Arbiol

Bem-aventurado o que cuida sobre o necessitado ;  
o Senhor o livrará no dia do mal.

Salmos 41-1

**A** Paz de Deus seja convôscos.

Se a palavra "Bem-aventurado" significa "feliz ou ditoso" a felicidade, como o texto deixa perceber, consiste na prática da caridade. Cuidar dos necessitados é uma missão de amor que eleva o carácter de quem a ela se entrega. De pouco ou nada vale a piedade pelos que sofrem quando este sentimento se traduz apenas em expressões verbais e há o meio de fazer alguma coisa mais por eles! Mui eloquente, na sua simplicidade, é o conceito do apóstolo S. João: Meus filhinhos, não amemos de palavra nem de língua, mas por obra e em verdade (1.º S. João 3-18). Basta o próprio bem que se desfruta do bem que se faz, para que não se deixe nunca de o fazer. A recompensa de Deus abrange um grande número de bênçãos, entre as quais se distingue a do seu auxílio no dia do mal, o qual, como se percebe do texto, supõe o dia da doença. O mal, na multiplicidade dos seus aspectos, é tudo o que nos perturba, nos aflige e nos causa dores e lágrimas. Se, como se costuma dizer, a saúde é o maior bem que se pode gozar, a falta dela é o maior mal que se pode sofrer. Neste salmo há uma promessa para aquele que cuida dos necessitados e os trata com amor e carinho, e para o qual chegou também o dia do mal que, como já vimos, pode muito bem ser o dia da doença.—Tu afofarás toda a sua cama na doença. (Vers. 3). Quão ternas e consoladoras são estas palavras! Se o doente aprecia muito o carinho da família e dos amigos e, sobretudo, de quem o trata, não aprecia menos o aconchego do seu leito e uma travesseira mole e fofa para reclinar a cabeça. A posição confortável do corpo é um desejo peculiar de todos em geral e dos doentes em particular. O descanso de uns será mais agradável e a doença de outros

mais suportável. Ao meditar neste salmo, acodem-me à ideia as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: "as aves do céu têm os seus ninhos e as raposas as suas tocas, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (S. Lucas 9-58). Aquele que passou toda a sua vida a cuidar dos necessitados e a valer aos aflitos e atribulados, não tinha onde reclinar a cabeça! E o facto de Ele falar nessa posição física, é bem a prova de que Ele também a apreciava! Certa vez, após um dia de árduo labor, Jesus, deitado com a cabeça numa almofada, descansava tranquilamente quando os discípulos o acordam para lhe pedir que os ajudasse a dominar a embarcação contra a inclemência do vento. Nem desta vez Jesus pôde saborear o seu merecido descanso! Jesus estava fatigado e o seu organismo cedia ao efeito da natureza humana, mas, enfim, não estava doente. Quando, porém, chegou a Sua hora e Ele se entregou, sem resistência, nas mãos dos seus algozes, já não se pode dizer o mesmo, porque Ele sofre as atrocidades e tormentos que estes Lhe infligem. Jesus sofre moralmente e a doença moral é, por vezes, pior do que a física. Só o Evangelista Lucas, na sua qualidade de médico, viu as gotas de sangue que corriam do rosto de Jesus pela dor cruciante da sua agonia no horto de Gethsemane. (S. Lucas 22-44) Como se compreende que Deus, livrando, no dia do mal, os que cuidam dos necessitados, não tenha livrado Seu Filho do mal a que os homens o submeteram? Jesus sentiu o abandono de Seu Pai porque na cruz, no paroxismo da dor, exclama: "Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste?" (S. Mat. 27-46). Esse abandono não foi mais do que uma das transcendentales manifestações do amor de Deus! Já tive oportunidade de dizer, em ocasião de Semana Santa, que Deus não interferiu no martírio de Seu Bendito Filho para que a este pertencesse inteiramente o mérito da Sua morte! Que se diria do aluno a quem, no exame alguém ajudasse na prova ou a fizesse por ele? Onde estaria o mérito de ter ficado bem? A morte de Jesus foi a mais perfeita e completa obra da redenção dos pecadores, mediante a fé n'Aquele que a realizou na cruz do Calvário. Ora, aqueles que sentem o gozo da salvação em Jesus, não podem deixar de, em obediência ao Seu pedido, amar o seu próximo, lembrando-se que do amor fraternal faz parte o cuidado que se deve ter pelos que padecem necessidade.



## Credo

Música de  
Dr. Leopoldo Figueiredo

Creio em um só Deus, Pai om-ni-po-ente, Criador do céu e da Terra e de todas as

coisas vi-síveis, in-vi-síveis. E em um só Senhor, Jesus Cris-to, Filho Unigênito de Deus,

gerado de seu Pai ante to-dos os séculos, Deus de Deus, Luz do Luz, Verdadeiro Deus de Ver-

dadeiro Deus, gerado e não feito, Consubstancial ao Pai, Por quem todas as coisas

Mais forte - Tom afirmado -

foram feitas, O qual, por nós homens e pela nossa sal-vação Desceu do céu, incarnou por obra

rall.

do Espírito Santo de Maria Virgem E foi fei-to homem, foi também crucifi-cado por nós

Sob o Pader de Poncio Pilatos, Pa-de-cem e foi se-pullado E ao terceiro dia Ressuscitou Segundo as

Es-ci-turas. Subiu ao Céu, está sentado à mão direita de Deus Pai E vi-rá outra vez

com glória julgar os vivos e os mortos E o seu Reino não terá fim E creio no Espírito Santo

Senhor e Doador da Vida Procedente do Pai e do Filho, Com o qual o Pai e o Filho juntamente é adorado e

glorifica-do O qual falou pelos profetas E creio numa só Igreja Católica e Apostólica, Confesso um só Batismo pra

remissão dos pecados E espero a Ressurreição dos mortos E a vida e-ter-na. A-men.

LAMPEJOS DO PASSADO

**A BASE DE UMA CAUSA**

VÃO completar-se 87 anos, a 23 de Novembro próximo, que Diogo Cassels, no 2.º Distrito Criminal do Porto, foi condenado a seis anos de desterro! Homologada a sentença pela Relação do Porto, ouvida a defesa pelo notável causidico portuense Alexandre Braga, pai, o qual, no primeiro julgamento, saiu da sala de audiências, por julgar impossível na Cidade Invicta uma condenação por motivos de liberdade de consciência, fez, em 21 de Junho passado, 86 anos, depois de também ser ouvido o veredictum dum juri, que, em segunda audiência, foi absolvido.

Tem-se escrito, não sendo ainda de mais, sobre tão ínclito Varão. Também nós, em **O Bom Pastor**, retratamos a sua vida de só, depois que enviuvou e sua filha D. Margarida adoeceu e refirara para a Suíça, vaticinando que no mármore ou no bronze, viria a ser perpetuada a sua Obra, assim como, em **O Comércio de Gaia**, quando se tornava rial este vaticínio, discutiam e estudavam o local onde a gratidão inconcussa de Vila Nova de Gaia, devia erguer esse monumento, sugerindo que este tomasse a forma monumental de uma escadaria encimada por seu busto, de acesso às Escolas que fundara no Torne, por onde subissem ou descessem as crianças que tanto amou, desejoso que se não podessem tornar-se génios por menos se livrassem na vida das garras do analfabetismo.

Como acima dizemos, tem-se escrito sobre a extraordinária magnimidade da Obra deste Homem, porém, parece-nos que pouco se tem recordado a razão pelo qual o prenderam, afiançaram e o levaram à barra do Tribunal Civil.

Numa conferência que em 1934 realizamos em Viseu, Lisboa e Porto, sobre o valor e obra de nossos Homens, recordando o valor de Nuno Álvares Pereira, reduzido a Frei Nuno, encolhido pelos altares, em analogia recordei Diogo Cassels que me parecia já tão exaltado pela sua bene-

merência escolar, com risco de vir a ser considerado pelos vindouros como um laicista.

Todas as causas têm a sua base de onde irradiam gestos e acções. A base da causa de Diogo Cassels, assentou numa Aula Bíblica em sua casa, à qual, assistiam, de livre vontade, várias pessoas, no intuito de, pelo estudo das Sagradas Escrituras, formarem a sua consciência religiosa. Isto, exasperou a intolerância de ontem, de hoje e de amanhã, levando-a a fazer redigir um libelo acusatório de injúria aos seus objectos de culto, propaganda contra os seus dogmas e proselitismo de uma religião por si reprovada, etc.

De nada serviu ao "indesejável réu" contestar que nunca injuriara a religião, ao tempo, do Estado, que dizia o Credo, o Pai-Nosso e o cântico da Virgem Maria — a **magnificat** — orando por El-Rei — então D. Luís I — e pelo Clero; que as suas reuniões com a família e alguns amigos, eram para estudar as Sagradas Escrituras, o que, como já vimos, não o livrou de ser condenado mas, em segunda audiência, absolvido.

Esta afronta deu-lhe alento mais tarde para escrever na sua **Reforma em Portugal**: "A intolerância religiosa pode produzir mártires ou criar hipócritas, mas não pode fazer prosélitos. A consciência é livre. Podem atear à vontade as fogueiras dos autos da fé e de torturas da Inquisição, mas de todos estes horrores nunca a intolerância colheu o mais fugitivo triunfo. A consciência ficava sempre livre, porque as leis que regem o mundo moral, são inalteráveis como as que observa o mundo físico".

Antes de escrever estas palavras foi testemunha de asquerosas perseguições a seus irmãos na fé, pelo que, com estes e outros, em 1868, resolveram "edificar uma Capela, sem forma de templo tanto no interior como no exterior, cercada por um muro... .. não porque julgassem que Deus pode ser adorado melhor em uma casa simples do que em casa apropriada, pelo contrário, julgavam que a casa de Deus deve ser a mais bonita e a mais elegante possível... Alguns anos depois, Deus mandou um forte temporal que derrubou o muro alto que cercava a Capela do Torne. O muro foi concertado, mas, não reedificado... .. foi preciso proceder a algumas obras no exterior da Capela; então a frente foi levantada e uma cruz de pedra ali colocada para mostrar que esta era uma casa de oração do rito cristão. Ainda, depois, foi levantada uma torre

pequena e ali colocado um relógio, para que toda a vizinhança pudesse ver, ouvir e conhecer as horas do dia".

Quando o templo da Igreja de S. João Evangelista foi dedicado ao Culto Divino, em 15 de Abril de 1894, a velha Capela e seus anexos passaram a salas da Escola do Torne, cujas fachadas dominam a grande Avenida que dá acesso ao Porto, em cuja frontaria, sem a menor crítica ao que está feito, sugeríamos uma escadaria arquitectonicamente monumental, encimada pelo seu busto, porquanto, parafraseando a Paulo, Diogo Cassels, falou a língua dos homens e dos anjos, tendo Caridade e não sendo metal que soa ou sino que tine; teve o dom de profecia, teve-a já ao ponto de transportar montes de dificuldades, sendo Alguém, porquanto, teve Caridade; distribuiu todos os seus bens em sustento espiritual e material dos pobres e, entregou seu corpo a um magnânimo holocausto social, porque teve Caridade; foi benigno, não foi invejoso, não obrou temerariamente, porque não sendo precipitado, não se ensoberbeceu, pois, teve Caridade!

Assim, fica demonstrado que a base da Causa de Diogo Cassels, foi o Amor a Deus sobre todas as coisas e, ao Próximo, como a nós mesmos.

Quantas vezes temos pensado que uma melhor urbanização, pode atirar o monumento no morro da Serra do Pilar para outro lado. Se este tivesse sido a monumental escadaria ou sua equivalência, hoje, ao chegar-se perto, o silêncio do bronzeo busto e a escadaria deserta de crianças pareceriam dizer:

— A Caridade **tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. A Caridade, jamais há-de acabar** (I Corint., 13: 7 e 8).

*Rev. A. Pereira Araújo*

## Restas dum Grande Paua

(Trechos de "O Calvário da América do Sul", do Dr. Valter Manuel Montaña, ex-frade dominicano e ministro presbiteriano em Lima, Peru).

Nos recôncavos das serras ou nas orlas dos campos lavrados, aqui e ali, erguem tais criaturas de Deus suas humildes choças de adobe ou de palha, aí vegetando com seus cães, seus

burros, suas vacas; dentro das suas moradias, os filhinhos brincam no chão com os coelhinhos, galinhas e pintos. Condenados como "raça decadente", esses bons indígenas, remanescentes do grande Império Inca, hoje párias sem qualquer esperança para o presente e para o futuro, entregam-se inteiramente ao sabor da sorte, arrastando a vida na escravidão da coca e do alcool, subalimentando-se com a miserável "Lahua" (sopa de trigo ou de milho moido). Até o aprender a assinar seus nomes a esta raça se nega! São obrigados a cumprir os ritos e a celebrar as festas da Igreja Romana, e não poucas vezes são forçados a trabalhar para os sacerdotes, para os juizes e para os proprietários, tudo sem a mínima retribuição! Católicos de rótulo, continuam a viver segundo os costumes pagãos do passado, com a diferença que, nos dias do Império, observavam à risca a tríplice lei dos Incas: "Ama llulla" "Ama sua", "Ama quilla" (não mentir, não roubar, não vadiar). Hoje, coitados, quase que só fazem o que aprenderam com os espanhóis: roubam, mentem e vivem como verdadeiros vagabundos, em "dolce far niente". Formando grupos e mais grupos que passam o dia ao redor dos templos romanistas, embriagados, embrutecidos, tendo gasto o pouco que tinham na celebração da festa e da procissão do padroeiro do povoado, nunca vieram a saber o que Cristo representa para a Humanidade, visto que ninguém se dá ao trabalho de lhes explicar os rudimentos da Fé..."

(Adaptado do último capítulo de "O Monge que Ressuscitou", boa versão brasileira pelo Rev. Valdemar W. Wey.)

## LUSOGRAMAS

A artista D. Teodora Andresen, honra da nossa Igreja, tira da paleta as cores com que pinta as suas flores maravilhosas, e a sua técnica perfeita as combina; mas é ao seu coração de cristã que ela vai buscar um **quid** inexprimível por palavras, de que as cerca e reveste, e que nos encanta pela sua frescura, colocando-nos em adoração íntima ao Criador de tantas belezas e Inspirador de tão admirável arte. Mas em tudo quanto a artista trabalha põe ela encanto: seja

um ramo de zínias ou de rosas, um canto de "atelier" ou uma alegre e viva paisagem do nosso querido Norte.

— Ficaram-se-nos os olhos, na formosa exposição de pratas, às Portas do Sol, nos cálices eucarísticos de 1152 (D. Afonso Henriques) e 1187 (D. Sancho I), e ainda nos outros marcados com menos certeza cronológica, mas do século XII: uma oferta da rainha Dulce e outros dois provenientes de Alcobaca. São cálices grandes e de linhas sóbrias, que dizem bem com as vastas naves e altas colunas do românico. Por eles podiam beber o "Fruto da Vide" centenas de fiéis, em limitadas consagrações. Só no Concílio de Constança, em 1416, se negou o cálice ao povo; ao considera-lo, o sentido de regresso cresce na nossa alma, e como que comungamos com os nossos irmãos Portugueses dos séculos XII e XIII, de mãos dadas por cima de sete séculos, num arco de pleno-cintro...

— O Cardeal Ottaviani, pro-secretário do Santo Ofício, que veio este ano de Roma para assistir às solenidades de Fátima, sentiu-se "esmagado" (assim o disse) pela grandiosidade do cenário. E nós, ao lê-lo, pensámos: seria obra do Santo Ofício a fé dos Portugueses que, por três longos séculos, foi examinada pelo Santo Ofício? Ou vai sendo originada no grito de liberdade das almas, com que se pôs termo aos métodos de tal exame? Ou é o produto da evangelização primitiva que nada pôde nem ninguém pode irradiar?

— Lemos há pouco, por descuido dum ilustre jornalista lisboeta (ou do "tipógrafo das costas largas") esta frase: "seja para o Oriente, seja para o Nascente, avista-se sempre um magestoso panorama..." Isto nos recordou a pseudo-mensagem de Santo Agostinho através dum "medium" descuidado, que assim no-lo transmitia, num opúsculo espírita: "...a passagem de Jesus Cristo, desde o Gólgota até ao Calvário..." São erros vulgares, estes, em quem escreve à pressa. Deles não estamos isentos. Mas se a Santo Agostinho fosse hoje permitido falar-nos, seria com tanta serenidade e precisão, que uma mensagem tão disparatada cai logo em descrédito.

— Há tempos os "Noelistas", que é como quem diz os "Natalistas", começaram entre nós estudos colectivos sobre o tema geral: "A Bíblia e a vida cristã". É consolador ver um certo regresso à Bíblia da parte da sociedade católica-

-romana, regresso que nunca poderá cair em certos excessos individualistas de interpretação que ela, por vezes com justiça, ainda que com pouco conhecimento e nenhum amor, tem condenado.

— Córdova vai erigir uma estátua de cinco metros a um dos seus toureiros, cujo nome não nos vale a pena aqui referir. Está Córdova no seu pleníssimo direito. Mas nós também em lamentar que tantos beneméritos da Humanidade sejam esquecidos, por esse mundo fora. Quantos toureiros, palhaços, equilibristas, lutadores, prestímanos e domadores de feras têm entretido o público, conforme seus gostos, e passam, e esquecem como tudo que é efémero? Operários do recreio, melhor ou peor, como outros o são de indústrias construtivas—sem monumento. Parece-nos que as memórias em pedra ou bronze deveriam ser reservadas a dar-nos lições de mais alto cunho e significado: as do amor.

— O desastre de Le Mans, em que perderam a vida tantas pessoas, pela explosão dum carro, na vertigem da competição de marcas de automóveis, não se deve atribuir ao verdadeiro desporto, antes nos parece poder-se atribuir com justiça à propaganda industrial que do desporto se serve. É mais um pecado (ser-nos-á permitido dizer "um crime", que é menos) da publicidade sem controlo, a chamada "propaganda"?

— Fátima atrai muitos católicos-romanos estrangeiros, enquanto que os protestantes portugueses nada têm para atrair os seus correligionários de outras nacionalidades: nem monumentos, nem arte, nem tradições cultivadas, nem cultura dirigida num sentido colectivo. De aqui deriva a ideia errónea de muitos dos nossos compatriotas, de que o Cristianismo reformado é, no mundo, quantidade inapreciável.

— É notável a observação tão repetida pela crítica jornalística, a respeito de cada poema e de cada romance que aparece: que esse romance ou esse poema é uma excepção à banalidade geral... Se não estamos em erro, depois do elogio, vindo novos poemas e novos romances, os elogiados da véspera vão para o depósito das banalidades...

— A bandeira do Vaticano que, heraldicamente, se diz "bipartida de prata e ouro", é a antífese do que S. Pedro dizia ao coxo da Porta Formosa: "Não temos prata nem ouro..." A humanidade, coxa como nunca, tem necessidade de outros estímulos.

Um assunto que de há muito desejamos tratar é o da semântica em relação com as versões bíblicas. É bem sabido que as línguas vivas, justamente porque são vivas, não são estáticas. O significado dos termos, assim como a forma vocabular, vai mudando de geração em geração e de região em região. Os motivos desta mobilidade são múltiplos e, por muito conhecidos, não os descreveremos em minúcia. Basta referir a mudança lenta de costumes e de artefactos, o desenvolvimento da técnica, a versatilidade dos artistas—oradores e escritores—, a ânsia de penetração do pensamento abstracto, a aquisição de novos instrumentos de trabalho, desporto e estudo, um maior contacto dos povos entre si.

Também se deve considerar o curioso fenómeno que enobrecer palavras originalmente rudes ou menos decentes e degrada palavras que primitivamente eram honestas ou nobres. Há velhas expressões de perfeita norma que hoje se não pronunciam em círculos dignos, e outras que andaram fora do vocabulário honesto e hoje são de uso corrente. Eis porque entendemos ser necessária a revisão, digamos periódica, das versões bíblicas em várias línguas, revisão cometida a peritos de diferentes regiões, quando se trata de idiomas de expansão universal, como o nosso. E a história dessas versões dá-nos razão. A semântica portuguesa, por exemplo, regista esse mesmo fenómeno.

Pereira de Figueiredo usou "conversação" no sentido, hoje perdido, de comportamento (ou do galicismo "conduta"). Em Almeida encontramos, em Esdras 3: 7, o termo, "cortadores" no sentido de "canteiros". Cortador, em certas regiões lusófonas, v. g. em Lisboa, é o que corta

O grande chefe militar britânico Lorde Roberts era um homem muito piedoso. Para uso dos seus soldados compôs ele a seguinte oração que nos parece exemplar, e transcrevemos dum velho número do "Raio de Sol".

« Ó Pai Todo-Poderoso, tenho pecado contra Ti. Lava-me no sangue precioso do Cordeiro de Deus. Enche-me do Teu Santo Espírito, para que eu possa viver como um novo homem. Poupa-me a vida para que eu possa voltar para junto dos meus, ou então prepara-me para comparecer na Tua presença em paz. Fortalece-nos, ajuda-nos a

## O Livro e os Livros



a carne de reses para o público. São exemplos ao acaso, de vários outros que poderíamos aduzir.

A propósito de expressões que interessam à exegese bíblica: o sr. Neves Reis, ilustre jornalista que tivemos o privilégio de conhecer e apreciar numa tertúlia amiga, está demonstrando as suas excelentes qualidades de filólogo vulgarizador, no "Diário de Notícias". Há dias (27 de Julho) tratando da concordância, em género e número, do verbo com o sujeito da oração, ataca de caminho o problema da silepse, em que um autor usa o plural em vez do singular quando se refere a si só. Referindo que uns escrevem, por modéstia: "Fomos bem recebidos..." e outros: "Fomos bem recebidos...", acrescenta: "Outros escrevem, sem silepse e sem modéstia: "Eu fui bem acolhido...". É, de facto, respeitável esta opinião, muitas vezes e por muitas autoridades expressa; e nós mesmos nos rendemos ao hábito generalizado, aliás sem plena convicção. Pois não há quem diga, pela lição da História, que vem do Império Romano o "plural magestático", desde que os decretos passaram de individuais a colectivos, feito em nome de césares e augustos, na era constantiniana? E seria modesto esse introito dos documentos do Santo Ofício: "Nós, os Reverendos Senhores Inquisidores..." Por outro lado, o "J'accuse" de Emílio Zola, na famosa questão Dreyfus, em nosso juízo não representou ausência de modéstia mas presença de coragem. É o nosso pensamento vai ainda, reverente e entusiástico, para os testemunhos do justo Job e de São Paulo: "Eu sei que o meu Remidor vive e que a minha alma se levantará do pó..." e: "Eu sei em quem tenho crido e estou certo que é poderoso para guardar o meu tesouro até ao dia final".

## ORAÇÃO

comportarmo-nos como homens na defesa da nossa boa e justa causa. Guarda-nos fiéis até à morte, calmos no perigo, pacientes no sofrimento, misericordiosos não menos que valentes e corajosos, leais ao nosso soberano, à nossa pátria, à nossa bandeira. Se é essa a Tua vontade, ajuda-nos a ganhar a vitória para a Inglaterra que servimos; mas, sobretudo, concede-nos uma vitória mais completa ainda sobre a tentação e o pecado; que na vida ou na morte sejamos mais que vencedores por Aquele que nos amou e que por nós deu a Sua vida, Jesus, nosso Salvador, nosso Divino Capitão. Amen ».